

---

- **PRAGMÁTICA I**

Coordenador(a): *Wagner Santos Araujo*

---

**ALGUMAS PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS ACERCA DO SIGNO LINGÜÍSTICO**

*Suety Libia Alves Borges (UFG)*

Há muito tempo o signo vem sendo amplamente investigado, trata-se de uma questão originada em meio às reflexões que envolvem o pensamento sobre a linguagem. Embora a noção de signo não se limite à linguagem, tendo em vista que imagens, gestos, sons melódicos etc. são signos, é o signo lingüístico que pretendemos estudar. O objetivo deste trabalho é apresentar algumas

perspectivas contemporâneas acerca do signo lingüístico. A partir desse nosso estudo, constatamos que o pensamento saussureano sobre o signo é, geralmente, de alguma forma retomado, seja para ser contestado ou reafirmado. Saussure é referência desde os seus contemporâneos até os dias atuais. Podemos dizer que é a acepção saussureana que insere o estudo do signo lingüístico nas discussões científicas. Por essa razão, embora não se trate de um autor contemporâneo, apresentamos também, neste trabalho, os problemas do signo levantados por Saussure. Ao compararmos as idéias de diferentes estudiosos da linguagem, percebemos que em algumas situações o signo é concebido fielmente nos moldes saussureanos. Em contrapartida encontramos autores que apontam contradição no conceito de signo de Saussure. Jacques Derrida é um autor que faz uma leitura rigorosa do pensamento saussureano a fim de desconstruir o signo binário e propor em seu lugar uma cadeia de significantes.

## **GROUNDS ALTERNATIVOS PARA USOS DÉITICOS DE NÓS**

*Julia Scamparini Ferreira (UFRJ)*

O acesso ao contexto é fundamental para a completa compreensão de um enunciado, uma vez que os sentidos não estão presos a palavras ou unidades sintáticas. Mais do que o contexto real em que interlocutores estão inseridos, o contexto enunciativo pode ser crucial para o entendimento de fenômenos lingüísticos, como a dêixis, e mesmo de efeitos lingüístico-cognitivos, como o sarcasmo. A Lingüística Cognitiva sugere que o sentido se dê por projeções entre domínios do conhecimento que é comum aos sujeitos de uma interação, estimuladas tanto por material lingüístico como por material cognitivo. A teoria dos espaços mentais (Fauconnier, 1997) propõe que itens lingüísticos abram espaços aos quais o falante se transporta, transferindo para esses espaços todas as referências dadas a partir de seu ponto de vista. A teoria dos modelos cognitivos idealizados (Lakoff, 1987) postula que scripts de conhecimento sejam a base para a atribuição de papéis, fonte de conexões pragmáticas ou sirvam como background para a referenciação subjetiva a partir do ponto de vista de um falante.

No âmbito dessas teorias, Rubba (1996) sugere que a compreensão de dêiticos ocorra devido a contextos alternativos que projetamos no decorrer do uso da fala, que servem como base para encontrar referência dêitica. Assim como no contexto-base temos conceptualizada uma semântica dos dêiticos - falante, ouvinte, tempo, lugar e relações de proximidade, segundo Langacker, 1987 - transferimos a um ground alternativo essas relações, sustentadas por um espaço dado lingüístico-cognitivamente, ou seja, explicado pelas teorias citadas acima.

Este trabalho procura examinar a alternância de grounds responsável pelo entendimento de usos dêiticos que podem apresentar sentidos diversos como, por exemplo, o pronome de primeira pessoa nós. Os dados da proposta de trabalho são recolhidos em crônicas do escritor João Ubaldo Ribeiro, que freqüentemente faz uso de grounds alternativos para formas dêiticas.

## **J. L. AUSTIN E A PROBLEMÁTICA DA TEORIZAÇÃO SOBRE A LINGUAGEM**

*Karla Cristina dos Santos (UFG)*

Dentre as mais variadas interpretações que a obra *How to do things with words*, de J. L. Austin (1980), tem suscitado, existe uma certa unanimidade em reconhecer no pensamento desse autor um caráter incompleto e impreciso, que coloca em dúvida a possibilidade de conferir à proposta austiniana o status de teoria. Dessa forma, o que se pretende neste estudo é, tendo em vista os conceitos austinianos, questionar as conseqüências de se investigar a linguagem sob o ponto de vista de uma teoria cujas categorias de análise estão o tempo todo abertas, ou seja, não se deixam definir com precisão. A discussão desse problema relaciona-se também a um outro questiona-

mento: em que medida a validade de uma teoria está subordinada a sua capacidade de oferecer soluções e resultados satisfatórios? Pretende-se ainda fazer um levantamento de como os conceitos austinianos são apropriados por alguns(as) autores(as) que tratam da Teoria dos Atos de Fala, entre eles(as) Searle (1994), Derrida (1991) e Butler (1997), a fim de descobrir as alternativas que os(as) autores(as) apresentam para lidar com a imprecisão desses conceitos. Abordar as reflexões austinianas como uma espécie de demonstração dos caminhos percorridos na elaboração de uma teoria e das crises que o teórico enfrenta diante da imprecisão das suas categorias de análise é uma atitude relevante no sentido de contribuir para o questionamento do papel das teorias lingüísticas e da validade de uma teoria que parece não ter sido concluída. Nesse sentido, a argumentação de Austin representa uma reflexão sobre o próprio fazer teórico, realizada por alguém que contempla a linguagem de dentro da própria linguagem e que reconhece no movimento teorizador um ato de fala em pleno funcionamento.

## **O ESCÂNDALO DO CORPO MASCULINO HOMOERÓTICO EM AMBIENTES VIRTUAIS**

*Moacir Lopes de Camargos (UNICAMP)*

O objetivo deste trabalho é discutir sobre a construção discursiva do corpo masculino homoe-rótico (brasileiro) em ambientes virtuais. Para tal empreendimento, selecionei um corpus formado de anúncios (retirados de sites tais como [www.superencontros.com.br](http://www.superencontros.com.br)) e excertos de conversas em salas de chats. Para a análise, tomei, primeiramente, diversos estudos socio-antropológicos (Le Breton, 2003; Monteiro, 2001) e pedagógicos (Louro, 2003; Soares, 2003) sobre o corpo. Considerei também os estudos sobre gênero propostos por Butler (1990, 1993) e Swain (2003, 2004), além da visão performativa da linguagem apresentada por Austin (1992) e retomada por Felman (1980) em um viés psicanalítico. Uma análise preliminar dos dados mostrou-nos que, pautados pela oposição binária imposta e compulsória de gênero (homem/forte-mulher/fraco), a tentativa dos sujeitos é separar linguagem e corpo. Dessa forma, subordinam-se a um discurso que é considerado natural (heterossexualidade) e, conseqüentemente não há possibilidades de ruptura desse padrão. Ou seja, a identidade, ainda que considerada, pelos diversos pós-modernos, como sendo múltipla, social e histórica, na linguagem do corpus analisado, ela é essencializada em torno de self coerente (Hall, 1998) para garantir a tão almejada segurança ontológica.

## **OS EFEITOS DE SENTIDO DO PRONOME “VÓS” NO DISCURSO RELIGIOSO CATÓLICO**

*Wagner Santos Araujo (PUC-SP)*

Esta comunicação tem como objetivo elucidar os efeitos de sentido do pronome Vós no discurso religioso Católico a partir da teoria da Enunciação, sobretudo no que concerne à subjetividade. Como corpus, têm-se excertos da oração de louvor “Glória” e uma jaculatória Mariana- orações em que há o uso freqüente deste pronome. Paralelamente, tentar-se -á propor uma reflexão acerca do desuso desse pronome pela sociedade brasileira a partir das imagens que foram enxertadas e que caracterizam o seu “self”.

## **UMA HIPÓTESE LINGÜÍSTICA PARA O RECORTE DE SENTIDO: RECONSTRUÇÃO TRANSVERSAL A PARTIR DAS ASSOCIAÇÕES PARADIGMÁTICAS**

*Rômulo da Silva Vargas Rodrigues (UFG)*

Saussure aponta para as relações sintagmáticas linearmente dispostas, seja na fala, submissa ao tempo; seja na escrita, submissa à ordem gráfica. Dá conta também de um segundo eixo que seria responsável por associações que se formariam na mente do ouvinte. Partindo da releitura de Saussure, acrescida dos teóricos Benveniste, Barthes, Ducrot, Wittgenstein e Derrida,

sobretudo desse último; neste trabalho busca-se demonstrar que o sentido pode ser resultante de uma reconstrução sintagmática, logo, lingüística, realizada transversalmente na periferia paradigmática em torno do enunciado. Busca-se considerar tudo isso diante do problema de que um mesmo enunciado pode levar aos mais variados sentidos. Por exemplo, a declaração “Essa parede é branca” pode, em contextos e situações diferentes, levar aos mais diversos sentidos. Se dito a uma criança com as mãos sujas de chocolate e que se dirige para uma parede, isso significaria “Não suje a parede” ou “Cuidado para não sujar a parede” etc. Se, por outro lado, for dito pelo membro de um grupo que procura uma superfície para projetar um filme, significaria “Essa parede serve para projetar o filme” ou, ainda, “Que tal projetar nessa parede?”, entre outras possibilidades. A hipótese aventada neste trabalho é a de que o percurso que o ouvinte, ou leitor, faz para estabelecer o sentido daquilo que ouve, ou lê, é um percurso eminentemente lingüístico, pois se trata de um recorte transversal realizado no bloco que se formaria em torno do que é dito. Ou seja, em volta do eixo sintagmático forma-se um bloco paradigmático e é nesse bloco que o ouvinte ou leitor vai buscar o sentido. Ao contexto histórico-social caberia apenas restringir esse bloco, tornando-o funcional e produtivo.

## **VERBOS INDICADORES DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB): ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO E DÊIXIS**

*Renata Lúcia Moreira (USP)*

Neste trabalho, apresento uma discussão teórica sobre dêixis, com o objetivo de investigar um conjunto de verbos da língua de sinais brasileira (LSB), chamados verbos direcionais ou verbos indicadores. Esses verbos têm a propriedade de apontar, no espaço de sinalização, para os locais associados à nossa representação mental das entidades que, na estrutura sintática, correspondem ao sujeito e ao complemento desses verbos. Apesar de muitos estudos analisarem essa característica desse conjunto de verbos como manifestação de concordância, pretendo mostrar, seguindo Liddell (2003), e valendo-me de dados da LSB, que a propriedade de apontar dos verbos indicadores é dêitica: esses verbos indicam, com a direção de seu movimento e seus pontos de articulação inicial e final, os espaços mentais em que estão representados os referentes de seus argumentos.